

## Serenatas no Taveirópolis

Escrito por Heitor Freire

Sáb, 14 de Abril de 2012 00:00 - Última atualização Qui, 31 de Janeiro de 2019 14:21

---

**SERENATAS NO TAVEIRÓPOLIS** Em 1975, eu me mudei com a minha família da rua D. Aquino para a rua Padre Caetano Patané, no bairro Taveirópolis. Ali moramos até o ano de 1995. Foram 20 anos dourados. Quando para lá nos mudamos, as ruas do bairro não eram asfaltadas, e não havia água encanada, que só veio a surgir alguns anos depois. A água era de poço. Abençoado poço, pois depois que recebemos o benefício da água encanada, esta muitas vezes, faltava. Aí éramos salvos pelo poço, que, por decisão da Rosaria permaneceu em funcionamento sempre.

As meninas foram crescendo. A Andréa, minha filha número 2, foi durante um tempo, namorada do Paulo Renato Coelho Netto, cujo nome ficou inscrito na minha memória assim, embora, hoje, o seu nome público seja Renato Coelho Netto. Pois bem. Numa determinada noite, fomos acordados por um som estentóricico, que me fez pular na cama. Perguntei à Rosaria se sabia o que era aquilo. Ela disse que não. Vesti um roupão em cima do pijama e fui investigar. Era o Paulo Renato tocando um berrante do tamanho de um trem, no mais alto grau. Acordou toda a vizinhança. Quando me viu, cumprimentou-me e apresentou seus amigos. Eu fiz algumas serenatas para a Rosaria em Ponta Porã, mas com aquele estardalhaço todo, nunca. Enfim, após as apresentações e de servir a tradicional bebida que o dono da casa deve oferecer aos serenateiros, voltei a dormir, observando que o nosso vizinho era homem brabo. Essas serenatas se repetiam regularmente.

O vizinho era o Miguel Patroni Duenha, que havia construído a nossa casa e também a que ficava ao lado, onde ele morava. Era pai de três filhas, entre elas a Aline Duenha, hoje atriz destacada que atua também na área circense com o Circo do Mato grupo com atuação até na área internacional.

Mas eu me referia ao vizinho brabo. Como eu descobri que o doce do Miguel podia ser também brabo? Aconteceu o seguinte: em frente às nossas casas havia uma igreja batista. Em determinada ocasião, o pastor resolveu utilizar um alto falante para chamar os fiéis e o fazia logo cedo, aos fins de semana. Na primeira vez, ficou por isso mesmo. Quando, na semana seguinte, o episódio se repetiu, o Miguel foi falar com o pastor, que o recebeu cordialmente, pediu desculpas e disse que não aconteceria mais. Na terceira semana, de novo o pastor mandou ver o seu som alto. O Miguel não teve dúvidas: de dentro de sua casa, mandou bala no alto falante do pastor. Foi um santo remédio. Nunca mais funcionou. Mas das serenatas infundáveis em frente à minha casa, posto que eu tenho sete filhas, ele nunca reclamou. Acho que por solidariedade ou por entender os serenateiros.

Heitor Freire – Corretor de imóveis e advogado.

Em 1975, eu me mudei com a minha família da rua D. Aquino no Centro, para a rua Padre Caetano Patané, no bairro Taveirópolis. Ali moramos até o ano de 1995. Foram 20 anos dourados.

## Serenatas no Taveirópolis

Escrito por Heitor Freire

Sáb, 14 de Abril de 2012 00:00 - Última atualização Qui, 31 de Janeiro de 2019 14:21

---

Quando para lá nos mudamos, as ruas do bairro não eram asfaltadas, e não havia água encanada, que só veio a surgir alguns anos depois. A água que usávamos em casa, era bombeada de um de poço que ficava no fundo do quintal. Abençoado poço, pois depois que recebemos o benefício da água encanada, muitas vezes o fornecimento da água da rua falhava. Aí éramos salvos pelo poço, que, por decisão da Rosaria, minha mulher, permaneceu em funcionamento sempre.

As minhas filhas, sete ao todo foram, crescendo. A Andréa, a número 2, na adolescência teve um namorado muito seresteiro, Paulo Renato. Pois bem. Numa determinada noite, fomos acordados por um som estentóricico, que me fez pular na cama. Perguntei à Rosaria se sabia o que era aquilo. Ela disse que não. Vesti um roupão em cima do pijama e fui investigar. Era Paulo Renato tocando um berrante do tamanho de um trem, no mais alto volume. Acordou toda a vizinhança. Quando me viu, me cumprimentou e apresentou seus amigos. Assim, sem cerimônia, como se tocar um berrante na madrugada fosse a coisa mais corriqueira. Eu também fiz algumas serenatas para a Rosaria na nossa juventude em Ponta Porã, mas com aquele estardalhaço todo, nunca. Enfim, após as apresentações e de servir a tradicional bebida que o dono da casa deve oferecer aos seresteiros, voltei a dormir, alertando a trupe que o nosso vizinho era um homem brabo. Mesmo assim, as serenatas passaram a se repetir, e, curiosamente, com ou sem berrante, nunca nenhum vizinho reclamou.

Mas o velho e bom Taveirópolis já viu coisa pior, na seara da violação do sossego público.

Anos antes tivemos um vizinho, o Miguel Patroni Duenha, que havia construído a nossa casa e também a que ficava ao lado, onde ele morava. Era pai de três filhas, entre elas a Aline Duenha, hoje atriz destacada que atua também na área circense com o Circo do Mato, grupo com atuação até na área internacional.Â

E um belo dia, eu descobri que o meu pacato vizinho era capaz de um ato de rebeldia civil. Aconteceu o seguinte: em frente às nossas casas havia uma igreja evangélica. Aos domingos pela manhã, bem cedo, o pastor da igreja, resolveu utilizar um alto falante no último volume, importunando toda a vizinhança num raio de 500 metros para chamar os fiéis. Era realmente um tormento.Â

Na primeira vez, ficou por isso mesmo. Quando, na semana seguinte, o episódio se repetiu, o

## Serenatas no Taveirópolis

Escrito por Heitor Freire

Sáb, 14 de Abril de 2012 00:00 - Última atualização Qui, 31 de Janeiro de 2019 14:21

---

Miguel foi falar com o pastor, que o recebeu cordialmente. O Miguel alegou que o som era muito alto e começava muito cedo. O pastor pediu desculpas e disse que não aconteceria mais. Na terceira semana, de novo o pastor mandou ver o som alto. O Miguel não teve dúvidas: de dentro de sua casa, mandou bala no alto falante do pastor. Foi um santo remédio. O raio do alto falante nunca mais funcionou.Â

Mas das serenatas infindáveis em frente à minha casa, aposto que o Miguel jamais reclamaria. Acho que por solidariedade e também por ser pai de três filhas, ou por entender o espírito romântico dos nossos seresteiros.

Belos tempos, belos dias.

a